

António Rodrigues Sampaio, breve biografia

Por Rita Correia*

António Rodrigues Sampaio nasceu na freguesia de S. Bartolomeu do Mar, do Concelho de Esposende, a 25 de Julho de 1806, faleceu em Sintra a 13 de Setembro de 1882.

Quem com ele confraternizou enaltece-lhe a generosidade e o desprendimento em relação aos bens materiais, a candura e a firmeza na defesa dos seus ideias. Os que lhe seguem o rasto por entre as inúmeras publicações que serviram de suporte ao seu pensamento político não deixam de se surpreender com a elegância e o arrebatamento do seu estilo. António Rodrigues Sampaio é, de facto, uma figura incontornável na história do liberalismo em Portugal, causa que prosseguiu com perseverança e ao serviço da qual colocou toda a sua mestria de pensador e de comunicador.

Em Novembro de 1828, na sequência das perseguições miguelistas, a fidelidade de Rodrigues Sampaio à causa liberal é posta à prova pela primeira vez. Com apenas 22 anos de idade, conhece a prisão no Aljube de Braga e, depois, no do Porto, onde permaneceu até Abril de 1831. A defesa do constitucionalismo custou-lhe dois anos de cativo. Uma eternidade que superou no convívio com outros presos políticos e que, ao invés de o demover, consolidou os desejos de renovação à luz dos princípios liberais.

Após a vitória das campanhas liberais de 1832, ao lado das quais combateu como voluntário, torna-se redactor do principal órgão da ala esquerda do liberalismo, **A Vedeta da Liberdade**, através do qual dá voz a todos os que como ele aspiram a uma Constituição política mais ampla que a Carta Constitucional.

Com a vitória de 1836, desempenhou alguns cargos na Administração, como o de secretário-geral do distrito de Bragança e, posteriormente, de administrador geral de Castelo Branco. A luta nos bastidores políticos acabaria por o afastar do funcionalismo, relançando-o no universo da imprensa política.

A partir 1842, dirige o maior jornal liberal, **A Revolução de Setembro**, onde se imortalizou sob o cognome de “O Sampaio da Revolução”, entregando-se ao combate contra os que pretendiam a restauração da Carta Constitucional.

Durante o governo de Costa Cabral, o combate político agudiza-se. Nesse mesmo ano, por ordem do então governador civil José Bernardo da Silva Cabral, a tipografia onde este periódico era impresso foi encerrada e os distribuidores presos, mas o jornal **A Revolução de Setembro** continuou a ser editado regularmente.

* Hemeroteca Municipal de Lisboa – Serviço de Digitalização e Imagem

O estatuto de jornal clandestino ‘de sucesso’ apenas contribuiu para aumentar ainda mais o seu prestígio e pôr a nu as fraquezas do poder instituído. O caso viria a ser solucionado em tribunal, 11 meses depois, a favor do jornal.

Foi paz de pouca duração. O tempo mantinha um fluir nervoso que a imprensa não abdicava de fazer ressoar diariamente. Em Outubro de 1846, por ordem de Saldanha, Rodrigues Sampaio é novamente tido por «persona non grata» para o poder e perseguido. Para escapar à prisão, esconde-se, mas ninguém o cala.

Ainda nesse ano dá início à edição clandestina do ***Ecco de Santarém*** (seis números) e, posteriormente, ao ***Espectro*** (Dezembro de 1846 a Julho de 1847). Uma vasta e invisível rede de colaboradores assegurava a sua impressão e distribuição em Lisboa e no país, contribuindo para mobilização geral contra o governo.

A sua influência na opinião pública é cada vez maior e assusta os seus adversários, que a todo o custo tentam neutralizá-lo. É novamente preso, desta vez no Limoeiro. Devolvido à liberdade, pouco tempo depois, procuram aliciá-lo com cargos públicos, que recusa.

Após a Convenção de Gramido, que pôs fim à guerra civil, Rodrigues Sampaio regressa ao seu lugar n’ ***A Revolução de Setembro*** e à defesa intransigente dos princípios democráticos.

Em 1851, aderiu à **Regeneração**, movimento que concentrou as aspirações de apaziguamento das tensões políticas e de estabilidade institucional necessárias ao desenvolvimento do País, aproximando-o da Europa.

Como é óbvio, no seio de uma “coligação” tão ampla – integrava cartistas puros, setembristas, além de reunir o apoio de intelectuais liberais como Alexandre Herculano, e dentro da própria Corte – não era de todo consensual o entendimento sobre o que era a Regeneração. Após um curto governo onde tinham representação as várias tendências, logo toma posse outro onde dominam os cartistas, entre os quais se destaca **Fontes Pereira de Melo**.

O Partido Regenerador, do qual Fontes Pereira de Melo é presidente a partir de 1866, tem por programa a transformação material do País, sob o signo burguês, alicerçado em projectos de obras públicas e de caminhos-de-ferro. O modelo tinha o mérito de satisfazer mesmo os mais radicais, reunidos em volta d’ ***A Revolução de Setembro***, como era o caso de Rodrigues Sampaio, Latino Coelho, Casal Ribeiro e muitos outros. Para eles o progresso económico, decorrente do programa fontista, representava a condição «sine qua non» do progresso político e social, incluindo evidentemente o povo.

É neste contexto que Rodrigues Sampaio aceita alguns cargos públicos: deputado por Lisboa (1851-57) e em representação de outros círculos (1858-75); vice-presidente da Câmara Electiva (1866-70); ministro do Reino (1870; 1871-

77; 1878) e presidente do Conselho de Ministros (1881). Mas, em momento algum, esta solidariedade com os regeneradores o afastou da filiação ideológica original que se inscreve na linha mais democrática do liberalismo, cuja evolução conduziu ao ideal da *monarquia republicana*, conforme expressão daquela época.

A preocupação em desenvolver, paralelamente aos melhoramentos materiais, outras reformas que considerava essenciais está, aliás, bem explicita na obra que realizou enquanto ministro: a descentralização administrativa, que culminou com o **Código de 1878**; a instrução popular pela escola, que se materializou na célebre **lei do ensino primário de 1881**; e a educação popular pelo associativismo, como meio de aumentar o nível de instrução e, por essa via, as condições de vida das classes trabalhadoras.

Faleceu em 1882, sem inimigos e sem fortuna, mas com o reconhecimento do povo de Lisboa que o acompanhou à sua última morada, o Cemitério do Prazeres.

11 de Outubro de 2006